

**O eu no jornalismo:
o uso da subjetividade na obra de Eliane Brum**

*Journalism and subjectivity:
The use of the first person in the work of Eliane Brum*

Ana Resende QUADROS¹
Lucas de Almeida SANTOS²
Luiz Ademir de OLIVEIRA³

Resumo

Este trabalho analisou como a subjetividade pode interferir na maneira como uma história é contada. Para tanto, foi feita uma Análise de Conteúdo (Bardin, 2011) dos livros “A vida que ninguém vê” (2006) e “O olho da rua” (2008), da premiada jornalista Eliane Brum. A escolha se dá pelo amplo reconhecimento que Brum conquistou ao longo de sua carreira por escrever sobre ordinário, em vez do extraordinário. A repórter oferece aos atuais e futuros jornalistas uma opção mais humanizada de se exercer a profissão, dando lugar àqueles que são invisíveis para a mídia tradicional, possibilitando que o jornalismo cumpra seu papel de transformador da sociedade.

Palavras chave: Jornalismo literário. Subjetividade. Jornalismo. Comunicação. Eliane Brum.

Abstract

This paper analyzed how subjectivity can interfere with the way a story is told. The object of this study is one of the most awarded Brazilian journalists, Eliane Brum. She was chosen due to the wide recognition she has gained throughout her career for writing about ordinary rather than extraordinary. The books chosen for this content analysis (Bardin, 2011) were “A Vida que Ninguém Vê” and “O Olho da Rua” by Brum. The reporter offers current and future journalists a more humanized option to pursue the profession, giving way to those who are invisible to traditional media, enabling journalism to fulfill its role of transforming society.

Keywords: Literary journalism. Subjectivity. Journalism. Communication. Eliane Brum.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFJF. Bolsista da CAPES.
E-mail: anarquadros@gmail.com.

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFJF.
E-mail: lucasp42009@gmail.com.

³ Doutor em Ciência Política pelo IUPERJ. Professor do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ) e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFJF.
E-mail: luizoli@ufsj.edu.br.

Introdução

O jornalismo, desde o final do século XX, passa por crises e redefinições. Durante décadas foi implantado em vários países ocidentais o modelo norte-americano de jornalismo, baseado na objetividade jornalística e na suposta imparcialidade, tendo os jornalistas como observadores e narradores neutros do real. (Traquina, 2001).

Essa concepção do jornalismo como retrato fiel da realidade ficou conhecida como Teoria do Espelho e, hoje, é questionada pela visão de que o jornalismo é uma construção social em que atuam vários agentes e fatores, como as empresas, os jornalistas, as fontes, o público, além dos fatores referentes às rotinas, ao tempo e aos recursos disponíveis.

Conforme explica Pena (2013), num mundo sob esta égide do capital, o fazer jornalístico comprometido com a coletividade se torna cada vez mais raro e complexo. Dos tabloides às grandes mídias, a regra é a espetacularização e o sensacionalismo. (PENA, 2013).

Mesmo no Brasil, alguns jornalistas buscam alternativas ao modelo tradicional de exercer a profissão. É o caso da repórter gaúcha Eliane Brum. Em seus textos, a literatura mistura-se ao jornalismo, dando espaço a um olhar único, atento às histórias de pessoas ordinárias que, geralmente, não teriam espaço nos noticiários.

Nessa pesquisa, estudou-se a narrativa de Eliane Brum buscando entender como a autora coloca sua visão e a de seus personagens em seu texto e em que a subjetividade interfere na realização de um jornalismo voltado para o cidadão comum, o excluído social e economicamente.

O primeiro passo dessa jornada foi realizar uma pesquisa bibliográfica sobre o Jornalismo Literário, sobre a relação entre jornalismo e literatura e sobre a própria jornalista. Depois de estabelecida essa base, foi feita uma Análise de Conteúdo (Bardin, 2011) dos textos de dois livros de Eliane Brum nos quais os personagens retratados fazem parte de grupos marginalizados e esquecidos pela mídia tradicional: A vida que ninguém vê (2006) e O olho da rua (2008). Em seguida, foi preciso identificar as especificidades do texto da repórter e analisar o seu olhar sobre aqueles que são

invisíveis aos jornais. Contribuindo, assim, para a compreensão e reflexão sobre a importância da realização de um jornalismo mais voltado para o social.

Jornalismo e Literatura

Jornalismo e literatura parecem ser de naturezas opostas. Ambos têm por objetivo contar histórias. Entretanto, à literatura cabem a imaginação e a fantasia, enquanto a realidade e a objetividade são o campo do jornalismo. Embora a literatura se assemelhe à vida real, nela não há um compromisso com a contemporaneidade nem com a verdade factual. Já ao jornalismo está reservado o pretense retrato dos acontecimentos, com o mínimo de interferência do autor.

Contudo, Jornalismo e literatura contaram com mais aproximações do que divergências. Em suas origens, o jornalismo era considerado um ramo literário. Na França do século XIX, a imprensa era fortemente ligada ao debate político, privilegiando-se a doutrinação e a opinião (BULHÕES,2007). Tais características alteraram-se com a chegada, no fim do século XIX e início do século XX, do modelo americano, para o qual o jornalismo deve pautar-se pela objetividade e pela lógica de mercado, assumindo o discurso do jornalismo como o retrato da realidade tal qual ela é. Para atingir esses objetivos, os jornalistas passaram a usar uma metodologia padronizada que envolvia ouvir e citar fontes, dispor informações por ordem de importância e responder no primeiro parágrafo seis perguntas sobre o fato: O quê? Quem? Quando? Onde? Como? Por quê? (BULHÕES, 2007, p. 23).

Aos textos que unem características da literatura e do jornalismo foi dado o nome de Jornalismo Literário. Segundo Pena (2013), o gênero volta às raízes do jornalismo diário, utiliza de seus saberes e técnicas para criar um jornalismo mais profundo. Ainda é crucial a apuração rigorosa dos fatos, somada à observação atenta, mantendo sempre a abordagem ética. Os relatos presentes nos textos devem transcender o cotidiano. O jornalismo incorpora a perenidade da literatura. O fato não precisa ser uma novidade. No Jornalismo Literário importa que o texto proporcione ao leitor uma visão ampla da realidade. Para isso, a contextualização deve ser o mais abrangente possível. O autor deve relacionar as informações, compará-las, mostrá-las sobre outras perspectivas.

Entre os critérios de noticiabilidade do jornalista literário está, em primeiro lugar, a cidadania. Os temas escolhidos devem contribuir para a formação do leitor como um cidadão e trabalhar para o bem comum. Além disso, o texto exige criatividade em sua construção. É preciso fugir da fórmula jornalística de escrita e buscar na literatura maneiras de tornar a narrativa mais atraente. A busca por pessoas comuns e por fontes não tradicionais pode ajudar nesse quesito, além de ampliar os pontos de vistas abordados.

Tais características são as sete pontas da estrela do Jornalismo Literário apontadas por Pena (2013): a potencialização dos recursos do Jornalismo, ir além dos limites dos acontecimentos cotidianos, exercer plenamente a cidadania, buscar novas fontes para entrevistas, fazer um lead diferenciado, proporcionar visões amplas da realidade e, sobretudo, garantir profundidade e perenidade aos relatos.

Se, por um lado, foram os americanos os responsáveis por afastar jornalismo e literatura, foram também eles a estreitarem o contato entre as duas áreas através do chamado *New Journalism*, ou Novo Jornalismo. Esse gênero, que se tornou um dos mais populares do Jornalismo Literário, surgiu no princípio da década de 1960, nos Estados Unidos, com as reportagens especiais publicadas na *Esquire* e no *Herald Tribune*. O Novo Jornalismo, que só recebeu esse nome em meados da década de 1960, não possuía, até Wolf escrevê-lo em 1973, um manifesto de princípios. Contudo, seus precursores, como Breslin, Tom Wolfe e Gay Talese, tinham um diferencial em seus textos, a profundidade. Essa nova forma de se fazer jornalismo pode ser vista como uma reação ao jornalismo pasteurizado, de produção quase industrial.

Wolfe (2005) defende que esta modalidade não foi criada com a intenção de ser “melhor” e nem mesmo “nova”, mas somente teve espaço porque os romancistas deixaram o realismo de lado. Segundo ele, antes do surgimento do Novo Jornalismo, a ambição da maioria dos jornalistas era se tornar um autor de romances, uma vez que, à época, os romancistas possuíam elevado status social. Impossibilitados de prosseguir carreira literária, os jornalistas se dedicaram às reportagens especiais, mais profundas do que as do noticiário simples.

E, no entanto, no começo dos anos 60, uma curiosa ideia nova, [...] começou a se insinuar nos estreitos limites da *statusfera* das reportagens especiais. Tinha um ar de descoberta. Essa descoberta [...] era que talvez fosse possível escrever jornalismo para ser... lido como

romance. [...] Nunca desconfiaram nem por um minuto que o trabalho que fariam ao longo dos dez anos seguintes, como jornalistas, roubaria do romance o lugar de principal acontecimento da literatura (WOLFE, 2005, p. 19).

Em seus retratos da realidade, os “novos-jornalistas” registravam minuciosamente os gestos, costumes e hábitos de seus personagens, além de descreverem cuidadosamente os espaços e narrarem os pensamentos das pessoas retratadas. Por todo esse detalhamento, os adeptos da nova técnica foram chamados de “parajornalistas”, acusados de inventarem grande parte de seus textos. Somando isso à maneira extravagante que alguns, como Wolfe, escreviam seus textos, fizeram dos romancistas e literatos os maiores opositores do *New Journalism* (BULHÕES, 2007).

Atualmente, o movimento que liga jornalismo e literatura é o *New New Journalism*, liderado por Gay Talese e John McPhee. O Novo Jornalismo Novo, como é chamado no Brasil, preocupa-se com aqueles que geralmente não são vistos pela grande mídia. Ele retrata o cotidiano, as subculturas, o linguajar dos personagens. Bem longe do extraordinário, foco do jornalismo convencional. “O objetivo é assumir o perfil ativista, questionar valores, propor soluções” (PENA, 2013, p.60).

Eliane Brum

Eliane Brum é uma das jornalistas mais respeitadas do Brasil. Nascida em 1966, ela ingressou no jornalismo em 1988 e por 11 anos trabalhou no jornal gaúcho *Zero Hora*. Foi durante esse período que escreveu os textos que deram origem, mais tarde, ao livro *A Vida Que Ninguém Vê*, que integraram uma coluna com o mesmo nome que durou de 1998 até 1999.

Durante 10 anos, Eliane foi repórter especial da *Revista Época*, em São Paulo. A partir de 2010, ela passou a atuar como freelancer e, desde 2013, assina uma coluna quinzenal no site do jornal global *El País*. É também colaboradora do jornal britânico *The Guardian*. Ao longo de sua carreira, Brum escreveu cinco livros de não-ficção e um romance. Entre seus livros-reportagem estão *A vida que ninguém vê* (2006) e *O olho da rua* (2008). Ela já recebeu mais de 40 prêmios, entre eles o prêmio Jabuti de melhor livro reportagem de 2007 por *A Vida Que Ninguém Vê*.

Dona de um olhar ousado que enxerga o invisível aos olhos comuns, Eliane Brum faz reportagens que dão lugar de notícia a temas que seriam ignorados pelos noticiários. “O que esse olhar desvela é que o ordinário da vida é o extraordinário. E o que a rotina faz com a gente é encobrir a verdade, fazendo com que o milagre do que cada vida é se torne banal. [...] cada Zé é um Ulisses. E cada vida uma *Odisseia*” (BRUM, 2006, p. 187). É esse olhar que a permite dar espaço aos que não tem voz, contando histórias nunca antes escritas ou dando um novo ângulo a temáticas que são sempre tratadas da mesma forma.

Os diferenciais de Brum já foram percebidos por outros estudiosos. Rozendo e Mega (2014), por exemplo, comparam o olhar da jornalista ao de João do Rio. Para os autores, os dois funcionariam de maneira complementar. Ele faz um “diagnóstico” da miséria e ela traz a esperança de que um dia todos serão vistos como iguais. Ambos com o olhar voltado àqueles que não têm espaço nos noticiários e reportando suas realidades de maneira distinta da que é vista nos jornais diários.

Eles não se prendem à objetividade e à imparcialidade jornalística, tanto que muitas de suas narrativas são escritas em primeira pessoa. Além disso, possuem formas de relato que humanizam os personagens ao expor seus sentimentos, medos e aflições; enxergando-os como protagonistas e não como “coisas”. (ROZENDO e MEGA, 2014, p. 14).

Rozendo e Mega (2014) apontam também as três regras que Eliane Brum segue, conforme diz a jornalista em seu livro *Menina Quebrada*, de 2013. A primeira delas seria a jornalista estar tomada pelo assunto sobre o qual escreve. A segunda é buscar um novo ângulo para um tema velho ou descobrir algo sobre o qual nunca foi dito nada. Por fim, Eliane Brum estuda o assunto sobre o qual vai escrever. Rozendo e Mega (2014) acrescentam ainda uma regra que não é mencionada pela jornalista: colocar-se no lugar do outro.

Mais inovador ainda é falar do outro usando o eu. Fonseca (2013) explica que Eliane Brum, em suas reportagens, quebrou as barreiras impostas pelo Positivismo ao jornalismo de trabalhar sob a suposta égide da objetividade e neutralidade. Para Fonseca (2013), Brum toma o mesmo rumo que os historiadores da pós-modernidade. Até os anos 1970, apenas as fontes documentais tinham credibilidade no estudo da História. Contudo, nas últimas quatro décadas, o relato testemunhal ganhou força em um

movimento denominado *guinada subjetiva*. Seus adeptos não acreditam que o passado possa ser reescrito em sua plenitude, pois, assim como o presente, ele está sempre sujeito a um olhar que o interpreta, seja ele do historiador ou da fonte. Sem excluir o uso dos documentos, os pesquisadores, agora, buscam também por pequenos relatos, dando voz àqueles que antes não tinham espaço. Por essas razões, até mesmo a narrativa da história foi modificada:

Além da voz em primeira pessoa, ele faz uso de estratégias variadas, como a exposição dos detalhes das coisas vistas que falam de uma época, suas percepções pessoais e emoções. Mais do que contribuir para explicar melhor os fatos, essas estratégias ajudam a aproximar ainda mais o leitor do passado reconstituído. Assim, a presença do autor na cena narrada, ao invés de incitar mais consciência do ato de mediação, faz com que o leitor tome o testemunho como a própria realidade acontecida (FONSECA, 2013, p. 2).

Fonseca (2013) aponta que o jornalismo, contudo, não abandonou sua crença na verdade absoluta. Segundo a autora, da escolha da pauta à escrita da matéria, a subjetividade é desprezada, pois é apenas com a objetividade e a com imparcialidade que se transmitem os fatos. Somente o extraordinário é digno de estar nas páginas dos jornais. Não há espaço para as pessoas comuns e seus “desacontecimentos”. Isso porque a natureza da notícia, como prega o modelo norte-americano, é o acontecimento, marcado pela imprevisibilidade, pelo inusitado e pelo espetacular.

Entretanto, como esclarece a autora, a subjetividade e a parcialidade estão presentes nas escolhas dos jornalistas. Quando escolhem um tema e não outro e mesmo quando escrevem de forma impessoal, na terceira pessoa, o subjetivo é apenas mascarado.

Já Eliane Brum não esconde sua parcialidade. Fonseca observa que a jornalista, muitas vezes, utiliza a primeira pessoa, ainda que de forma sutil e sem exibicionismo. Brum dá a voz ao outro por meio de seu olhar. Ela é apenas uma testemunha que dá o depoimento do que aconteceu com o outro.

Fonseca (2013) lembra que a reportagem de Brum, como acontece nos relatos dos historiadores pós-modernos, descreve os espaços, os objetos, os personagens, imprimindo as visões da jornalista. Suas entrevistas abrem espaço para que o entrevistado diga o que quiser dizer. Em seus textos, Brum reflete e convida que o leitor

faça o mesmo. Assim, ela mostra que não pretende retratar “a verdade”, e sim, “uma de muitas verdades”.

As obras sob análise

Esse trabalho se trata de um estudo de caso das obras *A vida que ninguém vê* e *O olho da rua*, de Eliane Brum. Para cumprir com o objetivo de estudar a narrativa de Eliane Brum e entender de que forma a subjetividade está presente em seus textos, a partir da Análise de Conteúdo qualitativa (Bardin, 2011), foi feita uma identificação das características tanto do Jornalismo Literário quanto as de Eliane Brum, para que, assim, pudéssemos elencar as especificidades da autora com relação a outros trabalhos de mesmo estilo.

A história do olhar de Eliane Brum não é recente. Desde 1993, a repórter mostrava-se capaz de enxergar lados que costumam passar despercebidos. Naquele ano, ela percorreu os 25 mil quilômetros da Coluna Prestes para contar a história do “povo do caminho”, que testemunhou a passagem dos integrantes do movimento. Essa história foi documentada em seu primeiro livro, *Coluna Prestes; o avesso da lenda*, publicado em 1994.

Em 2006, 23 dos 46 textos, publicados originalmente na coluna *A vida que ninguém vê*, entre 1998 e 1999, no jornal *Zero Hora*, foram reeditados em livro. Marcelo Rech (in BRUM 2006), autor do prefácio do livro, acredita que esses escritos, que transitam entre reportagens, crônicas e colunas, provam que, em jornalismo, também existem histórias que partem do ordinário.

Em poucas páginas, ela nos conta histórias como a do Adail, um carregador de malas do aeroporto que passou 36 anos sem conseguir voar, mas depois de aparecer na coluna de Eliane Brum, pôde realizar seu sonho. Brum é capaz de perceber o olhar brilhante de Dona Maria, que quis por toda vida descobrir a mágica das letras. Ela, “que ainda nem era dona”, aguentou as surras de Gomercindo, seu marido, para educar os dez filhos. Apenas após se tornar viúva é que Dona Maria pôde ir para uma cidade próxima a Porto Alegre para realizar seu sonho. Mesmo assim, as letras não se revelaram com facilidade. Por três vezes as professoras desistiram de ensinar-lhe o ABC. Na quarta

tentativa, a professora Neiva Rosa não partiu e foi com ela que Dona Maria aprendeu que “as letras tem vida”.

A jornalista também relata, com muita sensibilidade e de forma humanizada, as dificuldades enfrentadas por Antônio, o descascador de eucalipto que enterrou seu filho, nascido sem vida, sem conhecer seu rosto. “Não há nada mais triste do que enterro de pobre porque não há nada pior do que morrer de favor. Não há nada mais brutal do que não ter de seu nem o espaço da morte. Depois de uma vida sem lugar, não ter espaço para morrer” (BRUM, 2006, p. 37).

Em *O Olho da Rua*, Brum segue a mesma linha humanizada ao longo de dez reportagens com personagens inesperados. O livro segue o curso de uma vida, nascendo com as parteiras do Amapá, que preservam a tradição ancestral de “pegar menino” com muita delicadeza e destreza. “Trata-se, enfim, de um exercício de reportagem e de humanidade. Eliane entra em cada lugar como único – como se fosse sempre a primeira vez a realizar a entrevista” (PAVAN, 2009, p.2). E se encerra com a narrativa dos últimos 115 dias de vida de Ailce de Oliveira Souza, paciente terminal de câncer que recebia tratamento na Enfermaria de Cuidados Paliativos do Hospital do Servidor. Ao longo desta experiência contada de maneira extremamente sensível, Eliane Brum descobre que “a morte é um parto do lado avesso. E na enfermaria são todas parteiras que, em vez de esperar o tempo de nascer, respeitam o tempo de morrer” (BRUM, 2008, p. 374).

Entre o início e o fim, o nascimento e a morte, Eliane Brum nos narra a vida de pessoas excluídas, assim como Hustene Alves Pereira, o homem-estatística. Hustene, mais conhecido como Pankinca, estava desempregado, como muitos outros em 2002. Ao receber a pauta sobre pobreza, Brum buscou uma perspectiva que não fora vista anteriormente. Foi assim que ela conheceu esse homem, filho de retirantes, que perdeu o emprego, mas não perdeu o orgulho nem a fé em sua trindade (Corinthians, Che Guevera e Nossa Senhora de Fátima).

Diferente de *A vida que ninguém vê*, nem sempre as reportagens de *O olho da rua* são sobre temas que nunca ninguém falou. O diferencial é que Brum vê temas amplamente debatidos, como o desemprego, o tráfico, o garimpo, a favela sobre outra perspectiva, esta sim inteiramente nova.

Subjetividade em pauta

A principal característica de Eliane Brum é seu olhar. Esse fato é expresso tanto pela própria jornalista quanto pelos pesquisadores que se debruçaram sobre sua obra. Assim, é impossível dizer que os relatos da jornalista são imparciais, uma vez que a expressão “olhar” como substantivo está amplamente atrelada à subjetividade.

Dessa forma, Brum vê os fatos através dos filtros que ela mesma coloca e deixa isto claro ao leitor em momentos quando diz: “E o olhar que escolhi como farol nessas andanças pelos muitos Brasis é o da compaixão, aquele que reconhece no outro a fratura que já adivinhou em si mesmo (BRUM, 2008, p.14)”.

Ao mesmo tempo, Eliane Brum (2008) diz se preocupar com a possibilidade de o leitor tirar suas próprias conclusões e, por isto, busca dar a maior quantidade possível de detalhes. Ainda que tenha vontade de que o público não se baseie apenas nas visões da jornalista sobre a realidade e tenha consciência da responsabilidade que tem no registro do presente, Brum (2008) acredita que a realidade nunca poderá ser transmitida por completo por meio das palavras.

Uma das características do texto de Eliane Brum que explicitam sua subjetividade é o uso de adjetivos, que, dentro do jornalismo tradicional, são evitados ao máximo. O emprego dessa modalidade de palavras é feito na descrição de pessoas e situações.

Em *A vida que ninguém vê* podemos perceber a subjetividade até mesmo nos títulos dos textos como: “O colecionador de almas sobradas”, “O conde decaído”, “Dona Maria tem olhos brilhantes” e “O doce velhinho dos comerciais”.

Ao longo dos textos, Eliane Brum descreve ao leitor o que viu nos personagens, nos lugares, nas situações, bem como o que ela percebe que a sociedade enxerga dessas mesmas coisas. Em “História de um olhar”, primeiro perfil de *A vida que ninguém vê*, Brum escreve sobre Israel, um rapaz de 29 anos que vivia na Vila Kephass (ou Vila Pedra), que ela descreve como “cheia de presságios e de misérias” (BRUM, 2006, p.22).

Israel era o “enjeitado da vila enjeitada” (BRUM, 2006, p.22), visto pela população como “imundo, meio abilolado, malcheiroso” (BRUM, 2006, p.22).

Apresentada a situação, a repórter reflete sobre o que está acontecendo ali: “Há sempre alguém para ser chutado por expressar a imagem-síntese, renegada e assustadora, do grupo. Israel, para a Vila Kephias, era esse ícone” (BRUM, 2006, p.22).

A realidade de Israel só mudou quando ele encontrou um menino de “olhos de amêndoa, rosto de esconderijo” (BRUM, 2006, p.23) chamado Lucas. Israel seguiu o garoto e o observou desaparecer na porta da escola. Até que em um dia de inverno a professora, também chamada Eliane, “descobriu Israel. Desajeitado, envergonhado, quase desaparecido dentro dele mesmo” (BRUM, 2006, p.23). A professora foi a primeira a realmente o ver e “Israel viu nos olhos da professora que era um homem, não um escombros” (BRUM, 2006, p.23).

Israel começou a frequentar a escola. Eliane Brum mostra a transformação que isto provocou na vida dele ao mudar sua caracterização: “E, no dia seguinte, Israel chegou de banho tomado, barba feita, roupa limpa. Igualzinho ao Israel que havia avistado nos olhos da professora. Trazia até umas pupilas novas, enormes, em forma de fecho. E um sorriso também recém-inventado” (BRUM, 2006, p.24).

A vida da professora também se transformou com a chegada do novo aluno. Ela “que se andava deprimida e de mal com a vida, descobriu-se bela, importante, nos olhos de Israel” (BRUM, 2006, p.24). Eliane Brum não se abstém de expressar o que pensa no texto ao dizer que “A redenção de Israel foi a revolução da professora” (BRUM, 2006, p.25) ou quando diz que “o que se passou naquele olhar é um milagre de gente” (BRUM, 2006, p.23).

Por se tratar de um livro que mistura perfil, crônica e reportagem em um único texto, *A vida que ninguém vê* é uma obra em que a jornalista expressa muito a subjetividade nos textos. Porém, ela preocupa-se que não apenas a perspectiva dela seja mostrada, mas também a do personagem retratado e a das pessoas que estão ao seu redor.

Em “O doce velhinho dos comerciais” a autora apresenta primeiro camadas superficiais de David Dubin, aquilo que todos percebem ao vê-lo, seja pessoalmente ou em seus trabalhos publicitários. “Você já viu. O doce velhinho dos comerciais. Cabelos de neve, barba de merengue e olhos azuis faiscantes. Um sorriso que parece refletir a paz que a humanidade sonha para o terceiro milênio” (BRUM, 2006, p.140). Mas David

é um sobrevivente da Segunda Guerra Mundial. E Brum ressalta, no parágrafo seguinte, que seus leitores também já viram o outro lado desse velhinho.

Você já viu. Estava esquelético, as costelas esticavam a pele cinzenta. Foi torturado, arrastado pelo chão. Estava nu. Foi cuspidado, chutado, riram da sua cara. Arrancaram tudo dele. Enterraram vivos aqueles a quem amou. Conheceu o pior do homem. Conheceu o impronunciável do homem. Você já o viu. Em filmes, em documentários, em fotografias de jornais e de revistas. O que você não sabia era que seu nome também é David Dubin (BRUM, 2006, p.140).

A partir daí, Brum (2006) conta como foi a vida de David durante a guerra. Como teve toda a sua família morta, incluindo a mãe, a esposa e a filha de um ano. Mas ela revela um fato que não é muito mencionado em narrativas sobre o holocausto:

Ali, pisando sobre a vida assassinada, David descobriu que sua família não havia sido morta pelos nazistas. Eles haviam sido apenas mandantes. Sua família foi morta pelos melhores amigos, pelos vizinhos de porta. Pelos ucranianos e lituanos que dividiam seu bairro miserável. Os seus foram mortos por aqueles com quem conviveram por uma vida, com quem haviam trocado as boas e as más notícias, padecido da mesma fome (BRUM, 2006, p.140-141).

A descrição que Eliane Brum faz na história, os adjetivos que usa para descrever o que aconteceu são os que foram escolhidos pelo próprio David quando ele dividiu essa parte de sua vida com a repórter. Isso pode ser percebido nesse e em outros textos desse livro quando Eliane Brum coloca as falas de seus personagens em seu texto. “Minha família foi morta pelos vizinhos de porta”, diz a citação que Eliane Brum fez da fala de David. E a própria forma como a jornalista conduz o texto, mostrando ao mesmo tempo o doce velhinho dos comerciais e o sobrevivente sofrido da Segunda Guerra é feito com base em uma fala do personagem: “Na vida, é preciso que isso seja compreendido, a gente acostuma com o gosto doce e também com o amargo” (BRUM, 2006, p.145).

Preservar a fala dos seus personagens e a lógica de seus pensamentos é um dos princípios de Eliane Brum, explicitados por ela no comentário que faz da reportagem “A floresta das parteiras” publicada no livro *O olho da rua*.

O que as pessoas falam, como dizem o que têm a dizer, que palavras escolhem, que entonação dão ao que falam e em que momentos se calam revelam tanto ou mais delas quanto o conteúdo do que dizem. Escutar de verdade é mais do que ouvir. Escutar abarca a apreensão do

ritmo, do tom, da espessura das palavras – e do silêncio (BRUM, 2008, p.37).

Esta é a primeira reportagem do livro *O olho da rua* e também a primeira matéria que a jornalista escreveu para a *Revista Época*. Esse fator, segundo Brum, fez com que essa reportagem nascesse por “cesariana”. Isso porque a repórter não teve tempo de esperar que o bebê de um de seus personagens nascesse e, assim, presenciar um parto feito por uma senhora indígena, que era a parteira mais velha da região.

Esse “erro” fez com que essa reportagem, diferente das outras, não seguisse por completo a lógica das pessoas que estavam sendo retratadas, mas, ao mesmo tempo, deixa claro a subjetividade da repórter que, por ser nova na empresa, por ser de um lugar diferente daquele, onde as pessoas nascem por cesarianas feitas por médicos e não de forma natural assistidas por parteiras, não pode esperar o tempo da floresta.

Ainda assim, o olhar que as fontes têm do mundo em que vivem é transposto para o texto em vários momentos. A maneira mais comum, como explica a repórter, é a transposição da fala dos personagens, que acontece com muito mais frequência nos textos de *O olho da rua* do que em *A vida que ninguém vê*. Porém, em ambos, a repórter faz descrição das situações pelos olhos dos personagens. Um exemplo:

Vencidas as nove luas, os homens de Curiaú são despachados para não fazer atrapalhão. Sim, porque homem, nesta hora, só sabe fazer zoadá. Parto é festa feminina. Vem vizinha de todo canto, comadre e não comadre. Enchem a casa, fazem café e mingau e se põem a contar causos e piadas para distrair a barriguda. Rindo um pouco, rezando outro tanto, de branco dos pés à cabeça, Rossilda vai ajeitando a criança, vigiando a dor. Quando vê, “lá vem o menino escorregando para o mundo”. Só nessa hora o pai é chamado para engatilhar a espingarda e dar três tiros para cima, se for menino, ou dois, se for menina. Se é homem, pode ser mais um Joaquim ou Raimundo. Mulher, geralmente, Maria. (BRUM, 2008, p.229-30).

Contudo, a subjetividade mais presente é a da jornalista. Isso porque, mesmo em momentos que Brum tenta dar ao leitor a perspectiva dos personagens, mesmo que seja fiel ao que disseram e como disseram, tudo que ela escreve passou pelo filtro do seu olhar. E isso fica claro graças aos momentos, como os mostrados anteriormente, em que a repórter faz julgamento das situações que descreve.

Considerações finais

Eliane Brum é, atualmente, uma das repórteres mais respeitadas do Brasil. Essa fama deve-se ao tipo diferente de reportagem que ela escreve. Sua pauta é a vida normal de gente comum, provando que o ordinário também pode aparecer no jornal e despertar o interesse dos leitores.

A jornalista trata suas fontes de maneira mais humana e, em seu processo de apuração e escrita, esvazia-se de si para preencher-se do outro. O outro cujo fator de exclusão pode ser a deficiência, a idade, o gênero, a região que habita ou, como acontece na maioria das reportagens, a pobreza.

Entretanto, acima de todos esses fatores, o que importa, para Eliane Brum, é mostrar o que não é visto, independente do que seja. A pobreza aparece no noticiário, mas não da forma que ela nos faz ver. E quem nunca leu ou viu uma reportagem sobre a favela ou sobre o tráfico? Ainda assim, antes dela, não sabíamos que a delicadeza estava tão presente nas comunidades.

A forma de contar a história de pessoas comuns muda de “A vida que ninguém vê” para “O olho da rua”. No primeiro, acompanham-se as histórias de um “esquecido” por vez em textos curtos que se confundem com crônicas. Já no segundo, as histórias, geralmente, não são de uma única pessoa, mas de uma comunidade, uma realidade geral, um lugar.

Mas o olhar de Eliane Brum está presente em ambos os livros. Seus textos, diferente do que se vê nos noticiários, são marcados por adjetivos. Algumas dessas caracterizações são dadas pela própria repórter, que não tem medo de dar sua opinião sobre a situação que apresenta, contudo, a jornalista busca dar voz às pessoas que retrata, preservando suas visões sobre o mundo e as palavras que utilizam para descrevê-lo.

Brum deixa um ensinamento para todos os jornalistas. Em um mundo em que o costume é abusar das tecnologias para entrar em contato com as fontes e mesmo descobrir pautas, a repórter nos lembra da importância de ir às ruas e conversar com o povo. Ela nos faz ver com seus textos a essência do jornalismo: contribuir com a cidadania e retratar a realidade da maioria da população.

Eliane Brum nos prova nessas duas obras que tudo pode ser pauta: da história de uma estátua a uma viagem de autoconhecimento da própria jornalista. O que importa em todos os casos é enxergar além do tradicional, ouvir as histórias que todos têm a contar, mas que, por alguma razão, ninguém quer ouvir. Sua grande característica é ter um olhar sobre o invisível.

Referências

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRUM, Eliane. **A Vida que ninguém vê**. Porto Alegre: Arquipelago, 2006. 204p.

BRUM, Eliane **Meus desacontecimentos**: a história da minha vida com as palavras. Porto Alegre: Arquipelago, 2017. 128p.

BRUM, Eliane. **O Olho da rua**: uma repórter em busca da literatura da vida real. São Paulo: Globo, 2008. 424p.

BULHÕES, Marcelo. **Jornalismo e Literatura em Convergência**. São Paulo, Editora Àtica, 2007. 216p.

FONSECA, Isabel de Assis. **Guinada subjetiva no jornalismo**: um olhar opaco em direção às narrativas da repórter Eliane Brum. In: XXXVI CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, Manaus, 4-7, set. 2013. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/r8-0287-1.pdf>> Acesso em: 3 de agosto de 2016.

MARÃO, José Carlos. Por que falar de Realidade. In MARÃO, José Carlos e RIBEIRO, José Hamilton. **Realidade re-vista**. Santos, SP: Realejo Edições, 2010, p.17-20.

MARÃO, José Carlos. Vida, paixão e morte de nossa senhora Realidade. In MARÃO, José Carlos e RIBEIRO, José Hamilton. **Realidade re-vista**. Santos, SP: Realejo Edições, 2010, p.21-37.

PAVAN, Maria Angela. A arte da reportagem no livro “O Olho da Rua”, de Eliane Brum. In: **Biblicom**, v. 2, nº 1, jan/fev., 2009. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/bibliocom/article/viewFile/1528/1506>> Acesso em: 15 de Julho de 2015.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013. 142p.

RIBEIRO, José Hamilton. Está chegando pão quente. In MARÃO, José Carlos e RIBEIRO, José Hamilton. **Realidade re-vista**. Santos, SP: Realejo Edições, 2010, p.38-46.

ROZENDO, Suzana e MEGA, Vinícius Mizumoto. **A humanização dos relatos em João do Rio e Eliane Brum**: Observação e Consonância que perpassam o tempo. In: 3º Encontro Regional Sudeste de História da Mídia “Mídia e Memórias do Autoritarismo” (GT 1 – História do Jornalismo), 2014. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-regionais/sudeste/3o-encontro-2014/gt-1-2013-historia-do-jornalismo/a-humanizacao-dos-relatos-em-joao-do-rio-e-eliane-brum-observacao-e-consonancia-que-perpassam-o-tempo/view>> Acesso em 02 de agosto de 2016.

TRAJETÓRIA. Eliane Brum desacontecimentos. Disponível em: <<http://desacontecimentos.com/biografia/>> Acesso em: 09 de outubro de 2018.

TRAQUINA, Nelson. **O estudo do jornalismo no século XX**. Unisinos: São Leopoldo, RS, 2001.

WOLFE, Tom. **Radical Chique e o Novo Jornalismo**. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. 245p.